

Movimentos populares pacíficos geram melhores resultados

Pesquisas demonstram que a violência não é a maneira mais eficaz de se insurgir contra um regime autoritário

So a Reinach
29 de outubro de 2019

FOTOARENA/FOLHAPRESS



Polícia em frente à sede do tribunal eleitoral em La Paz, capital da Bolívia, após a reeleição do presidente Evo Morales

Nas últimas semanas, o mundo tem assistido a diversas manifestações populares por razões distintas, especialmente na América Latina. A população dos países tem o direito de se proteger de abusos e lutar por seus direitos, liberdade e justiça. Diferentes razões para protestar ou resistir podem motivar campanhas em todo o mundo: exigir responsabilidade e transparência por parte de governantes e corporações, reivindicar direitos, resistir à ocupação estrangeira, enfrentar um regime autoritário, entre outros.

No entanto, ao se deparar com uma situação de desagrado, é comum que se tenha a ideia de que, para fazer profundas mudanças na sociedade, será necessário que o país entre em profunda instabilidade, com movimentos que recorrem à violência como forma de luta e/ou a população sofrerá abusos violentos por parte das autoridades. No entanto, o que as evidências mostram é que no campo de campanhas e lutas de resistência, a máxima “violência gera violência” também é válida.

Um estudo publicado no *Journal International Security* analisa a efetividade da estratégia de campanhas violentas e não violentas entre atores estatais e atores não estatais, utilizando dados agregados de movimentos de resistência no mundo entre 1900 e 2006.

As variáveis utilizadas para a análise feita por meio de regressão logística multinomial foram: a duração do movimento; se houve violência por opressão do regime vigente; se houve dissidências no regime vigente e; se houve suporte internacional (financiamento de outros países ou sanções internacionais).

O trabalho conclui que as chances de um movimento não violento obter sucesso são seis vezes maiores do que as chances de uma campanha violenta. No total, 43% dos movimentos violentos e não violentos terminam em episódios de extrema violência, como assassinatos em massa. Porém, quando a campanha de resistência é violenta, as chances de que termine com crimes de atrocidade máxima, são três vezes maiores do que quando a campanha de resistência é pacífica.

As evidências mostram que a violência promove um ciclo de mais violência e não é a maneira mais eficaz de se insurgir contra um regime autoritário ou insatisfatório. Além do risco de a violência tomar enormes proporções, as chances de alcançar o objetivo desejado são menores.

Há duas razões principais que tornam os movimentos não violentos boas estratégias para a sociedade civil e, portanto, merecem ser apoiados e incentivados. A primeira é o fato de que movimentos dessa natureza contam com uma participação mais ampla de indivíduos e organizações na resistência. A inclusão de mais atores e partes interessadas no movimento cria mais legitimidade e apoio social.

Em segundo lugar, caso o governo ou regime autoritário utilize a força contra o movimento, maior é a chance de ele sofrer reveses e “o tiro sair pela culatra”. Os resultados do estudo apontam, no entanto, que para uma campanha não violenta, o suporte internacional por meio de financiamento e provisão de recursos não altera as chances de sucesso. Mas se o suporte internacional for dado para campanhas violentas, elas têm três vezes mais chances de terem sucesso.

As sanções internacionais são inócuas em ambos os casos e não alteram os resultados. Os autores mencionam ainda que não é possível afirmar qual é o impacto do envolvimento internacional por meio de apoio de ONGs e mídia. As campanhas de longa duração e que obrigam mudanças de lealdade entre forças de segurança e burocratas civis, em geral, possuem maior taxa de sucesso.

As deserções da força de segurança tornam as campanhas não violentas quarenta e seis vezes mais propensas a serem bem-sucedidas do que as campanhas não violentas nas quais as deserções não ocorrem. Para campanhas violentas, no entanto, o efeito das deserções da força de segurança nos resultados da campanha é insignificante.

Por fim, o estudo ainda traz um estudo qualitativo de três casos: Filipinas, Timor-Leste e Birmânia. A análise é importante para complementar o estudo quantitativo, uma vez que demonstra a importância de melhor especificar as formas de violência em massa que decorre das reações às campanhas, bem como a importância de inserir o suporte da mídia como variável de análise. Ambos os pontos não foram incluídos na análise quantitativa.

As evidências são suficientes para incentivar o apoio a iniciativas que trabalham para estimular e estruturar campanhas não violentas de reivindicação e resistência. A resistência contra regimes autoritários e a manifestação da vontade popular no sentido de proteger a democracia são saudáveis à sociedade. Ao invés de evitar os movimentos das pessoas em nome da paz, é mais eficaz promover campanhas pacíficas.

Com a finalidade de prevenir crimes contra a humanidade e crimes de atrocidade máxima, organizações internacionais têm realizado ações de treinamento e educação de movimentos da sociedade civil em diversos países para formas de resistência civil não-violenta. Essas ações têm como base a garantia do direito de manifestação e de “autodefinição” dos países, sem que prevaleça a violência e um enorme número de pessoas mortas e feridas.

Em períodos de instabilidade, como passa a América Latina, é importante que todo o suporte seja dado aos movimentos sociais pacíficos. Essa é a melhor forma de se garantir direitos sem que o resultado final seja episódios de extrema violência e massacres em massa.

Acesso aos estudos:

O texto completo do estudo pode ser encontrado em: https://www.belfercenter.org/sites/default/files/legacy/files/IS3301_pp007-044_Stephan_Chenoweth.pdf

Mais informações: <https://www.nonviolent-conflict.org/wp-content/uploads/2019/05/Right-to-Assist.pdf>

So a Reinach

Mestre em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas e consultora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://backup.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/template-1-tema-da-semana-pks85-rvi8c>

